



Drummond na José Olympio – algumas capas de 1940 a 1970¹

Isabel Travancas²

Escola de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro

RESUMO

Este artigo pretende analisar uma parte da produção editorial do poeta Carlos Drummond de Andrade. O foco são as capas dos livros publicados pela editora José Olympio nas décadas de 1940 a 1970. O objetivo é pensar seus livros na sua materialidade e dentro do contexto editorial brasileiro. Também são levados em conta a sua correspondência com os editores e os contratos de publicação. As duas principais editoras do escritor foram: José Olympio e Record. Na primeira Drummond publicou seus livros de 1942 até 1983. A editora José Olympio é uma referência para a história do livro no Brasil. Criada em 1931 por José Olympio ficou conhecida como a “casa” do autor brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: escritor, livro, editora, capa.

INTRODUÇÃO

Drummond nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 31 de outubro de 1902 e morreu no Rio de Janeiro em 17 de agosto de 1987. Ao longo destas sete décadas, o escritor, poeta e jornalista produziu uma vasta obra que reúne poesias, crônicas, resenhas e contos publicados na imprensa e editados em livro. E teve a preocupação e o cuidado de não só guardar como organizar todo seu acervo de jornais, livros, cartas e documentos.

De Itabira o poeta se transfere em 1920 para Belo Horizonte e no ano seguinte tem seus primeiros trabalhos publicados no jornal *Diário de Minas*, onde anos mais tarde irá trabalhar como redator e redator-chefe. Em 1925 casa-se com Dolores de Moraes e termina o curso de Farmácia em Belo Horizonte. O ano de 1928 é marcante em sua vida: nasceu sua filha única Maria Julieta e é publicado na *Revista de*

¹ Trabalho apresentado no GP de Produção Editorial do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este artigo faz parte de um projeto de Pesquisa desenvolvido na Escola da Comunicação da UFRJ dentro do Programa de Bolsistas de Iniciação Científica – PIBIC e contou com a colaboração da aluna Talitha Cisneiros Perissé. Agradeço ao designer gráfico e professor da Escola de Comunicação da UFRJ, André Fábio Villas Boas pela sua ajuda na análise das capas dos livros de Drummond.

² Professora adjunta da Escola de Comunicação da UFRJ, email: isabeltravancas@yahoo.com



Antropofagia seu poema “No meio do caminho”, que causou polêmica e se tornou seu texto mais conhecido.

Seu primeiro livro *Alguma Poesia* é publicado em 1930 pelo intelectual seu amigo Eduardo Frieiro. Trata-se de uma edição do autor, com tiragem de 500 exemplares, na qual a Imprensa Oficial do Estado facilita o pagamento da impressão, descontando-o na folha de vencimento. Seu segundo livro – *Brejo das Almas* – é publicado em 1934 pela cooperativa Os amigos do Livro e sai com 200 exemplares. Neste mesmo ano, Drummond transfere-se para o Rio de Janeiro com a família para assumir a chefia de gabinete do Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema. Em 1940 publica *Sentimento do mundo*, edição do autor com tiragem de 150 exemplares. Ainda que esse seja um livro marcante na carreira do poeta, em termos de perspectiva editorial, ele ainda faz parte de uma primeira fase na trajetória do escritor, na qual seus livros são publicados com tiragem muito pequena e muitas vezes custeados pelo próprio autor. Fato este absolutamente comum entre os escritores brasileiros do início do século XX, momento em que a indústria editorial ainda não tinha se consolidado no país.

É com *Poesias* que Drummond muda de patamar editorial e passa a ser publicado pela Livraria José Olympio Editora. Trata-se de uma das mais importantes editoras do país no século passado, tendo publicado os principais nomes de ficção e ensaio. Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa são alguns dos escritores editados pela casa editorial. A proporção de poesia brasileira era pequena, significando 5% da sua produção que reunia nomes como Cassiano Ricardo. Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, entre outros.

Drummond foi um autor muito fiel ao seu amigo editor, tendo permanecido 41 anos ligado à José Olympio, onde publicou: *Confissões de Minas* (1944); *A rosa do povo* e *O gerente* (1945); *Poesia até agora* (1948); *Claro enigma, Contos de aprendiz e A mesa* (1951), *Passeios na ilha* e *Viola de bolso* (1952); *Fazendeiro do ar & Poesia até agora* (1954); *Viola de bolso novamente encordoada*(1955); *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor* (1956); *Fala, amendoeira* e *Ciclo* (1957); *Poemas* (1959), *Lições de coisas, Antologia poética* e *A bolsa e a vida* (1962); *Versiprosa, José & Outros, uma pedra no meio do caminho; Boitempo & A Falta que ama* (1968); *Reunião* (10 Livros de poesia); *Caminhos de João Brandão* (1970); *Seleta em prosa e verso* (1971); *O poder ultrajovem* (1972); *As impurezas do branco, Menino antigo* (1973); *Amor, amores* (1975); *A visita, O discurso de primavera* e *Os dias lindos; Algumas sombras*



(1978); *Esquecer para lembrar-Boitempo II* (1979) e *A paixão medida* (1980).

Em 1984 o poeta assina contrato com a editora Record que passou a publicar e reeditar toda a sua obra, onde ficou até 2011 quando a Companhia das Letras passou a deter os direitos de publicação de suas obras a partir de 2012. A mudança de editora foi um acontecimento de grande impacto no mercado editorial. Houve uma espécie de leilão da obra do autor, no qual várias editoras entraram no páreo e o próprio Drummond se decidiu pela grande empresa. O fato foi significativo também porque apontava para uma mudança de perspectiva que refletia uma transformação do próprio mercado, em fase de ampliação e profissionalização. José Olympio foi o grande editor do início do século, sua editora era chamada de “casa” pelos seus autores e reuniu e publicou o que havia de melhor e mais importante em ficção e não ficção no Brasil. Entretanto, na década de 1980, a editora já tinha sofrido muitos reveses financeiros, e em 1984 o presidente da Xerox, Henrique Sergio Gregori, assumiu o controle da empresa. Nesse momento já era grande o número de autores que tinha deixado a casa. Atualmente a editora José Olympio é um selo e faz parte do grupo editorial Record.

Ao longo de seus 85 anos de vida, Drummond escreveu muito. Sua obra reúne mais de 60 livros entre poesia, prosa e infantis. De poesia ele publicou os seguintes títulos: *Alguma poesia*, *Brejo das almas*, *Sentimento do mundo*, *José*, *A rosa do povo*, *Claro enigma*, *Fazendeiro do ar*, *Quadrilha*, *Viola de bolso*, *Lição de coisas*, *Boitempo*, *A falta que ama*, *Nudez*, *As impurezas do branco*, *Menino antigo (Boitempo II)*, *A Visita*, *Discurso de primavera*, *Algumas sombras*, *O marginal Clorindo Gato*, *Esquecer para lembrar (Boitempo III)*, *A paixão medida*, *Caso do vestido*, *Corpo*, *Amar se aprende amando*, *Poesia errante*, *O Amor natural*, *Farewell*, *Os ombros suportam o mundo*, e *Futebol a arte*. *O Elefante*, *História de dois amores* e *Pintinho* são os títulos de suas três obras infantis. E em prosa Drummond escreveu: *Confissões de Minas*, *Contos de aprendiz*, *Passesios na ilha*, *Fala, amendoeira*, *A bolsa & a vida*, *Cadeira de balanço*, *Caminhos de João Brandão*, *O poder ultrajovem e mais 79 textos em prosa e verso*, *De notícias & não-notícias faz-se a crônica*, *Os dias lindos*, *70 Historinhas*, *Contos plausíveis*, *Boca de luar*, *O Observador no escritório*, *Tempo vida poesia*, *Moça deitada na grama*, *O avesso das coisas*, *Auto-retrato e outras crônicas* e *As histórias das muralhas*. Sem contar as mais de dez antologias poéticas.



CORRESPONDÊNCIAS, CONTRATOS E CAPAS

Depois de extenso levantamento no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa classificamos seu acervo em três grupos: os livros do escritor, sua correspondência com editores e seus contratos. Dentre o total de livros na instituição foram encontradas publicações de mais de 30 editoras e ou gráficas que publicaram seus textos, além da Record e Jose Olympio (J.O.). São elas: Sabiá Hipocampo, MEC, Habitual, Ática, Kosmos, Conde, Alumbramento, Círculo do Livro, Digital Gráfica, Pindorama, Lithos, Abril Cultural, Os Amigos do Livro, Nova Cultural, Salamandra, Civilização Brasileira, Americ, AC & M, Sette Letras, Horizonte, Avenir, Agora Comunicação, Nova Aguilar, Edições Sabadoyle, Pongetti, Jornal do Commercio, Global, Fundação Casa de Rui Barbosa. Com essa pequena lista pode-se ter uma noção de como o escritor foi editado por muitas e distintas editoras. Isso sem citar as que publicaram apenas textos avulsos em coletâneas diversas.

Em relação à correspondência de Drummond, há várias cartas do escritor para editores e vice-versa. Entre elas muitas, de décadas distintas, assinadas pelo editor Enio Silveira, da editora Civilização Brasileira. Na década de 1980, a saída de Drummond da editora José Olympio gerou movimentação no mercado editorial. O escritor recebeu proposta da Editora Nova Fronteira que apresenta um projeto de pagamento de luvas, de direitos autorais de 12% para edições de até 15 mil exemplares, publicação imediata de cinco títulos inéditos além de uma edição especial de um livro com poemas inéditos. Como já foi dito, Drummond fechou contrato com a editora Record que deteve até este ano os direitos de edição dos seus livros.

Há também no acervo do escritor alguns contratos para edições especiais ou avulsas com outras editoras que não a José Olympio que publicava sua obra. São elas a Americ=Editora Ltda, em 1943; Editorial Losada S.A. (Argentina); Editora Sabiá, em 1971; Editora Salamandra, em 1982; Editora Civilização Brasileira, em 1967 e editora Massao Ohno, em 1981.

O poeta mineiro também guardou as provas de capa enviadas pelas editoras para sua aprovação. No seu acervo encontram-se as capas dos livros: *A Rosa do Povo*, *Claro Enigma*, *Poesias*, *Elegias do país das gerais*, *Lição das coisas*, *Poemas de Drummond*, *A paixão medida*, *Boitempo*, *Dos Poemas* e *Cantiga amiga*. Algumas capas tem data, outras foto do autor, outras apresentam contracapa com texto. Alguns livros como é o



caso de *Claro Enigma* tiveram quase vinte capas diferentes para serem avaliadas pelo autor.

O que o contato com esse material do e sobre o escritor Carlos Drummond de Andrade possibilitou foi entender um pouco melhor a história do mercado editorial brasileiro, suas características e as transformações que sofreu ao longo do século XX.

O PAPEL DA CAPA

Segundo o Dicionário do livro (2008:130) capa é “*parte exterior de um documento, seja de que matéria for, destinada a protegê-lo. Pode conter o título da obra, o nome do autor e do editor, a data, etc; cobertura, página de cobertura, folha de papel sobre a qual se imprime o título da obra e que a envolve, enquanto brochura. Nos livros modernos, é feita usualmente de papel colorido, com desenhos mais ou menos vivos.*” Ou seja a capa tem uma função de proteção e de comunicação.

J. Tschichold (2007) afirma que o objetivo do designer do livro é criar um modo de apresentação cuja forma não ofusque o conteúdo, nem seja indulgente com ele. E o objetivo é o livro perfeito. O livro perfeito deve encontrar a representação tipográfica perfeita para o seu conteúdo. Isso significa escolher uma fonte adequada ao texto, elaborar uma primeira página primorosa, com margens harmoniosas, espaçamento de palavras e letras impecável para conseguir atingir ao ideal estético que não deixe de lado a legibilidade. A função do design do livro é contribuir para a fruição da obra. Mas essa perspectiva que ressalta a importância do design do livro não é consenso.

T. Adorno (1991:18), um dos intelectuais da Escola de Frankfurt lamenta em seu artigo “Caprichos bibliográficos” que os livros não tenham mais a aparência de livros, pois o que interessa é a necessidade dos consumidores. Para ele, “*impõe-se que os livros se envergonhem do fato de ainda serem livros e não filmes de desenhos animados ou vitrines iluminadas à luz de neônio (...) Isso prejudica os livros também como artigo intelectual. Sua forma significa distinção, concentração, continuidade: qualidades antropológicas que se extinguem.*”

Com sua visão extremamente crítica, Adorno (1991:21) já estava nos anos 1960, quando o texto foi escrito, percebendo uma mudança no mercado editorial, no caso europeu, e no aumento da preocupação estética com o livro. E diz: “*aos livros que se recusam a jogar segundo as regras da comunicação de massa atinge a maldição da arte industrial.*” O que diria Adorno sobre as livrarias atuais com suas vitrines



chamativas e os livros com capas coloridas e sofisticadas? E do e-book e do áudio livro? Modalidades novas mesmo para nós habitantes do século XXI e que nos colocam questões específicas sobre a concepção do livro e também sobre a sua própria recepção. Mas o que nos interessa aqui é analisar e discutir algumas capas dos livros de Carlos Drummond de Andrade quando era autor da editora José Olympio.

JOSÉ OLYMPIO – UMA EDITORA BRASILEIRA

A história das editoras no Brasil é uma história de pessoas apaixonadas pelo livro e com muito espírito aventureiro e empreendedor. José Olympio não é exceção. O paulista de Batatais que chega na capital querendo estudar, começa a trabalhar na tradicional casa Garraux que seria fundamental para o futuro editor. Inicia como auxiliar mas em não muito tempo torna-se gerente e, em 1931, abre sua própria livraria. Em 1934 transfere-se para o Rio de Janeiro e sua loja irá funcionar na Rua do Ouvidor, 110. Um de seus primeiros livros publicados é *Os parias* de Humberto de Campos que teve sucesso e o fez colocar no mercado edições de 5 mil exemplares, tiragem muito acima da média não só daquela época como da atual.

Com tiragens altas e uma política de direitos autorais inédita no país vai conquistando a simpatia dos escritores brasileiros. Sempre preferiu investir em autores já conhecidos do que apostar em novos talentos. Há exceções como Sérgio Buarque de Holanda e Dinah Silveira de Queiroz, entre outros. Trouxe para sua editora autores como Jorge Amado, Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, para citar alguns. A proposta que fez para José Lins do Rego é famosa. Mandou um telegrama para o escritor oferecendo publicar uma segunda edição de *Menino de engenho*, de três mil exemplares e uma edição de seu novo livro de cinco mil. O autor pernambucano aceitou sem hesitar e J.O. lhe pagou o total dos direitos autorais completos. Os livros foram lançados com capa do também pernambucano Cícero Dias e em uma noite de autógrafos, também inovação do editor.

A editora se caracterizou pelos livros de ficção, ensaios e história e em menor proporção, poesia, inclusive Carlos Drummond de Andrade (In VILLAÇA: 2001:220). O poeta escreveu uma crônica sobre a editora por ocasião de seus 25 anos onde dizia: “*Essa foi a grande novidade da Casa – descobrir o autor brasileiro. Mas a Casa poderia ter publicado todos os livros que publicou, ser forte, próspera, prestigiosa, e não ser amada.*” José Olympio sabia fazer amizade e teve sempre muito bom relacionamento com seus autores e também com os críticos. Não possuía uma posição



política clara, sendo amigo de homens de esquerda como Jorge Amado e Graciliano Ramos, a quem defendia e ajudava; e também tinha relações com o ditador Getúlio Vargas de quem publicou algumas obras. Enfim, era para muitos um homem eclético.

Além de especial atenção dada aos autores e ao conteúdo do livro, José Olympio se preocupava com o seu aspecto visual e deu muito atenção ao projeto gráfico da editora, tendo o artista e ilustrador Tomás Santa Rosa tido um papel fundamental neste aspecto. No início, segundo Hallewel (1985:378) “a produção era constituída , na maior parte de livros de pequeno formato, in-dezesseis, nada aparatosos, mas geralmente de diagramação simples e agradável. As capas eram habitualmente decoradas com vinhetas a traço, em sua grande maioria por Santa Rosa.(...)”

A “casa” investiu em diversas coleções e “Documentos Brasileiros” foi uma das mais importantes e *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Hollanda seu primeiro título com prefácio de Gilberto Freyre. A José Olympio cresceu em um momento muito favorável às discussões sobre o Brasil e sua identidade. Era uma fase de expansão do mercado leitor e de surgimento de novos autores. Por outro lado, também viveu sob a ditadura Vargas e sofreu censura.

Nos anos 60 a editora tornou-se uma sociedade anônima de capital aberto e fazia parte da lista das 500 maiores empresas do Brasil tendo filiais em São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Recife e Salvador. Mas a década de 70 não será favorável à “casa”. A crise do petróleo, o colapso do mercado de ações e o aumento do preço do papel trouxeram muitos problemas para José Olympio. Neste período é comprada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDS) e mais tarde pelo presidente da Xerox do Brasil, Henrique Sérgio Gregori. Nesta fase muitos autores saem da editora cujo maior capital era sem dúvida seu catálogo. Em 1984 é a vez de Drummond mudar de “casa” e ir para a Record, grupo editorial que hoje detém o selo José Olympio.

CAPISTAS, DESIGNERS, ARTISTAS

Durante algumas décadas a José Olympio teve um lugar de destaque no cenário editorial brasileiro e junto com seu catálogo fundamentalmente brasileiro, outro aspecto importante na construção da imagem da editora foi a sua preocupação com o design do livro, com a capa, contracapa e miolo. E muitos designers gráficos e artistas plásticos ajudaram a definir o padrão estético da J. O.



Para nos determos apenas nos livros do Drummond, tema deste artigo, destacaríamos: Tomás Santa Rosa, Gian Calvi, Eugênio Hirsch, Luís Jardim, Milton Dacosta, Luis Trimano e Aloísio Magalhães. Os três últimos fizeram poucas capas de livros do poeta mineiro e tem trajetórias distintas. Milton Dacosta tornou-se um artista plástico de renome. Fez parte da chamada terceira geração modernista e o design de capas foi apenas uma etapa de sua trajetória profissional. Fez a capa de *Fala, amendoeira*, em 1957. Luís Trimano nasceu em Buenos Aires, veio para São Paulo no final do anos 60 onde trabalhou como ilustrador e caricaturista. Ele foi capista de *A paixão medida*, de 1980. Aloísio Magalhães era design e artista plástico. É considerado um dos pioneiros da comunicação visual no país. Foi um dos organizadores da ESDI – Escola Superior de Desenho Industrial na década de 1960. Com uma carreira diversificada foi responsável pelo projeto gráfico das notas do cruzeiro novo. Ele fez a capa do livro *Poemas*, de 1959.

TOMÁS SANTA ROSA

Tomás Santa Rosa nasceu em João Pessoa em 1909 e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1932. Trabalhou como auxiliar do pintor Candido Portinari que teve grande influência em seu trabalho. Foi um artista múltiplo. Cenógrafo, decorador, ilustrador, artista gráfico, gravador, pintor, professor e crítico de arte. Seu primeiro projeto gráfico foi o livro *Caetés*, de Graciliano Ramos, publicado em 1933 pela Livraria Editora Schmidt. No mesmo ano fez para a mesma editora a capa de *Cacau*, de Jorge Amado. Segundo Lima & Ferreira (2005: 205) a partir desse livro Jorge Amado começaria a ter grande sucesso e “*o mesmo aconteceu com Santa Rosa, que daí por diante se faria cada vez mais presente no setor editorial. Cacau pode ser considerado seu melhor e mais completo trabalho dessa fase, com uma solução harmônica para a capa e o miolo ilustrados.*” Em 1935 é contratado pela José Olympio para trabalhar como produtor gráfico criando a “cara” dos livros da editora, definindo as fontes, mancha de texto e as capas. Criou um padrão que durou até 1939 com plano uniforme de cor, retangular e borda branca. No alto aparece o nome do autor, em seguida o título do livro com destaque, seguido do gênero do livro e no quadro posterior em geral uma ilustração e o nome da editora. Seu primeiro livro para J.O. foi *Moleque Ricardo*, de José Lins do Rego, publicado em 1935. Ele criou uma identidade visual para a editora, pensando as coleções dentro de um projeto maior. O logotipo na capa como uma espécie de assinatura do editor passou a ser regra nos livros da editora e não era o padrão da época.

Ele conseguiu unir modernidade e brasilidade, segundo Lima e Ferreira (2005:217) Passou a ampliar a ilustração e o chapado da cor que ocupava agora toda a capa e dava mais destaque ao título da obra.

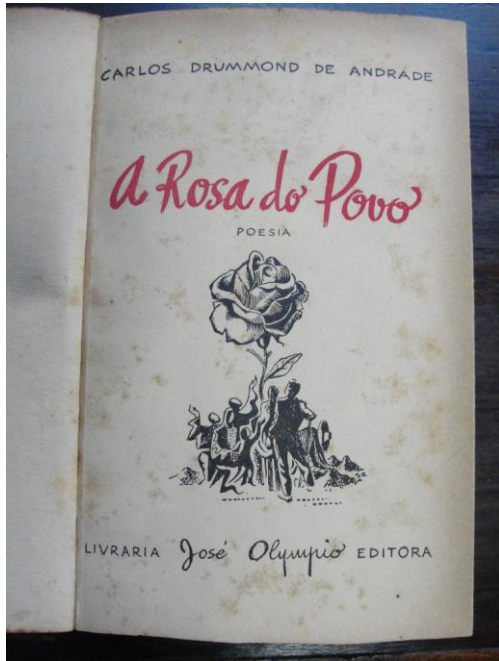
E ele mesmo definia seu trabalho em relação estreita com o conteúdo dos livros ilustrados (SANTA ROSA: 1952:25).

o que conta para o ilustrador não é o descritivo do poema, do conto, do romance, mas a atmosfera espiritual em que se movem os ritmos, os sentimentos, os personagens, o clima que evoca suas situações íntimas. (...) Ora, espionamos os personagens de um romance, cercamo-los, esmiuçamos suas vidas, seus hábitos mais íntimos, suas manias, seu andar, as rugas da face, só com o fim de transpor com a mais densa verdade, o seu caráter e a sua força.

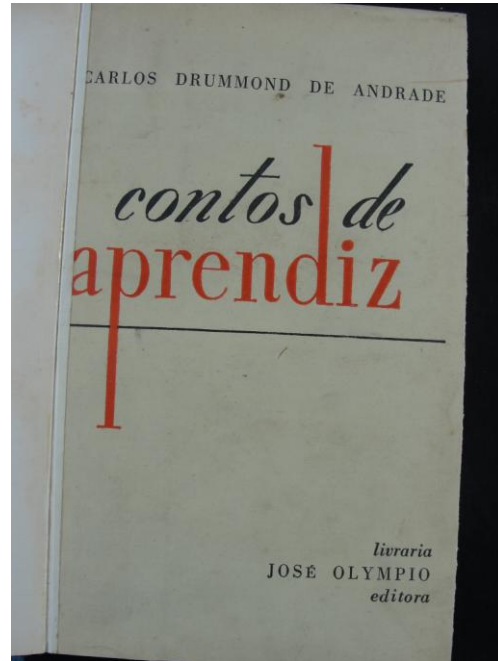
Seu projeto para Carlos Drummond de Andrade estava em harmonia com o projeto maior para a editora. E *A rosa do povo* (Figura 1) foi um deles. Capa branca, sem muita cor, com tipos clássicos e uma ilustração em preto, com título em caixa alta e baixa e em destaque em relação ao nome do autor. Outro dado interessante é a relação direta do desenho com o conteúdo do livro. O desenho mostra uma rosa saindo do povo. SR como era chamado afirmava em relação à poesia (SANTA ROSA: 1952:37): “ela pede o livro perfeito”. E parece que Drummond reconheceu o talento do artista e escreveu sobre ele na ocasião de sua morte: “*Meus livros são teus livros, nessa rubra capa com que os vestisse, e que entrelaça um desespero aberto ao sol de outubro à aérea flor das letras, ritmo e graça*” O poeta mineiro faz menção à capa de *Poesia até agora*, publicado em 1948 onde a cor vermelha é predominante. Vale lembrar que na década de 40 Santa Rosa já era um artista conhecido e na folha de rosto dos livros da J. O. constava a informação de que a capa do livro era de Santa Rosa. É da década de 50 a capa de *Contos de aprendiz* (Figura 2) de Drummond. Neste livro se percebe a mudança e a permanência de Santa Rosa. O laranja é a cor e não mais o vermelho. Cores aliás muito presentes nas capas do poeta mineiro de diversos artistas gráficos e em diversas editoras. O desenho a bico de pena cede lugar a um projeto mais moderno não abrindo mão da sobriedade, com título em caixa baixa, um pouco no estilo Bauhaus. Santa Rosa fez quatro capas para livros do escritor, além da de *Claro Enigma*, que não tem identificação do capista. As outras duas foram: *Poesia até agora* e *Sentimento do mundo*. Ele seguiu trabalhando para a editora até 1954 quando foi cuidar das publicações do MEC. É importante destacar o papel do designer gráfico como seria

identificado hoje em dia para a renovação estética do livro no Brasil. E se a editora J. O. teve igualmente um lugar de destaque no cenário editorial brasileiro, Santa Rosa deu sua grande contribuição para isso.

1 - A Rosa do Povo, 1945.



2 - Contos de Aprendiz, 1951.



GIAN CALVI

Gian Calvi é autor, educador, ilustrador e designer gráfico. Nasceu em Bêrgamo, Itália e desde 1949 vive no Brasil onde trabalhou como diretor de artes e de criação em televisão e em agências de publicidade. Foi capista e ilustrador de várias editoras brasileiras. Desenvolve projetos educativos impressos e audiovisuais estimulando a criatividade da criança e sua relação com o mundo a sua volta.

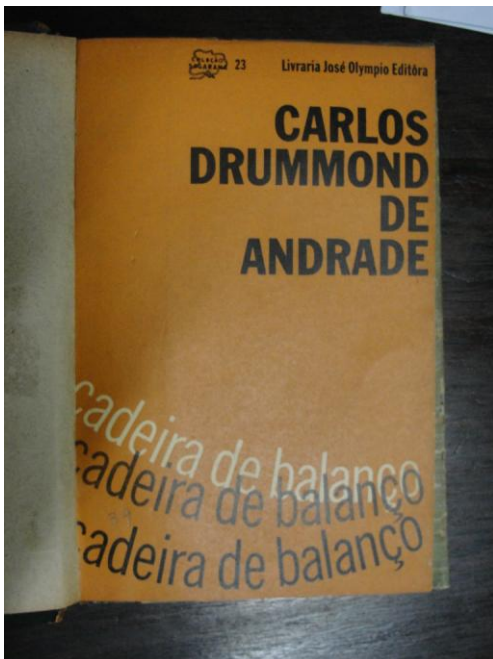
Segundo Chico Homen de Mello(2008:82) ele, juntamente com Raul Rangel Filho, fez “uma das capas mais emblemáticas da nossa história editorial, a da primeira edição do *Novo dicionário Aurélio*, que sobreviveria a dezenas de edições ao longo de décadas”.

Nas duas capas únicas produzidas para livros de Drummond, Calvi apresenta projetos muito distintos. *Cadeira de balanço* (Figura 3) inspira-se no próprio movimento da cadeira com sua repetição três vezes. Para Homen de Melo (2008:82) ele faz referência à poesia concreta e “o texto impregna-se da característica mais particular

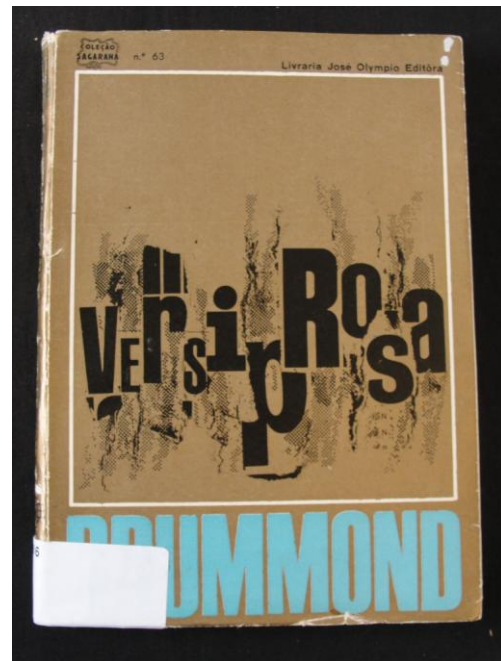
do objeto ao qual se refere, num processo que a teoria da linguagem chama de *iconização do signo tipográfico*.” Nesta capa a cor alaranjada dá destaque ao livro assim como o nome de seu autor agora tem um lugar preponderante na página, diferente das capas de Santa Rosa e das décadas anteriores. Além disso, Drummond na década de 60 já era um poeta notório e com muitos livros publicados. Numa mudança de padrão e para não “atrapalhar” a idéia do balanço, a assinatura da editora vai aparecer no alto da página.

Já a capa de *Versiprosa* (Figura 4) traz uma inovação com a sobreposição da letras, assim como a alternância de tamanho e lugar, em uma espécie de colagem fragmentada e em sintonia com o próprio título do livro que junta verso e prosa, formando uma palavra só. Diferentemente das capas de Drummond até então o livro tem uma cor menos usual de fundo – nem branca, amarela ou vermelha – e o nome do poeta tem enorme destaque, seja pelo tamanho da letra, pelo seu tipo e também pela cor azul celeste em contraste com o marrom e o preto das letras.

3 - Cadeira de balanço, 1966.



4 - Versiprosa, 1967.



EUGENIO HIRSCH

“*Uma capa é feita para agredir, não para agradar*”. Com essa frase o designer gráfico nascido em Viena, Áustria, em 1923 expressa bem a sua intenção ao criar uma nova linguagem visual para as capas dos livros. A trajetória de Hirsch está muito ligada à sua atuação na editora Civilização Brasileira de Ênio Silveira, na primeira metade da década de 1960. Sua preocupação era surpreender o leitor. Ao contrário de Santa Rosa que buscava uma sintonia entre capa e conteúdo, Hirsch não se preocupava com a clareza nem com a compreensão por parte do leitor. Seu objetivo era ajudar a vender livros e colocava sua arte, vivida com profunda liberdade, a serviço do mercado editorial em plena ditadura militar. Suas capas parecem panfletos, são agressivas muitas vezes e dificilmente passam despercebidas.

O artista também inovou utilizando a fotografia de maneira sistemática e em alto-contraste. A fotografia de maneira geral ainda não era uma presença frequente nas capas de livros naquela época. Hirsch estava sintonizado com o que acontecia no mundo das artes visuais dos anos rebeldes. Para Homen de Melo (2008: 65). “*raras vezes a letra foi tão desenho como nas capas de Hirsch. Ainda que por vezes ele tenha exagerado na pirotecnia gráfica, o virtuosismo dos resultados justifica os excessos cometidos.*”

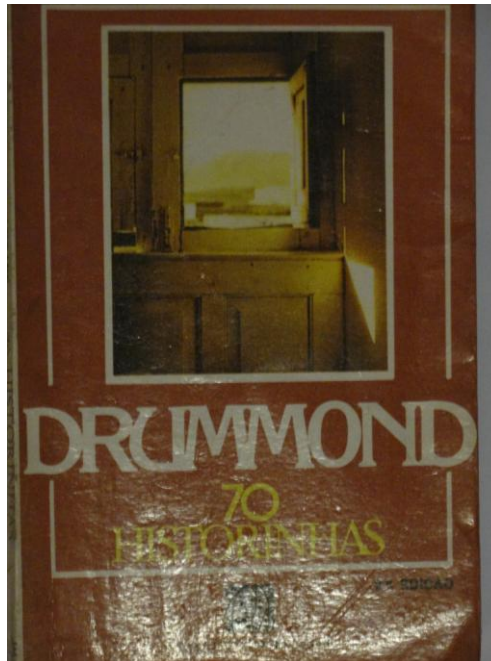
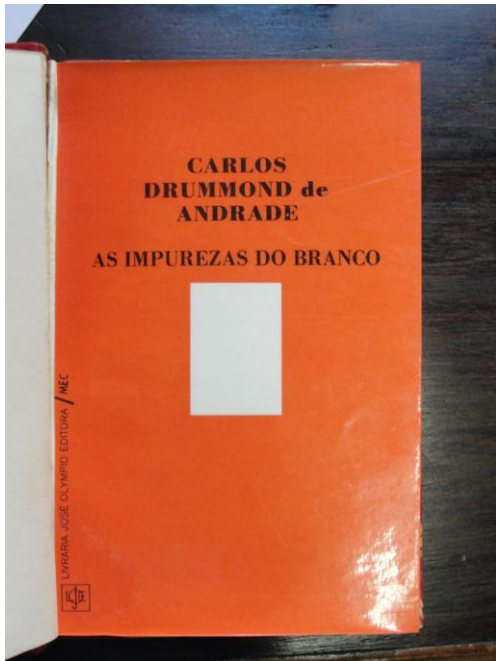
No final dos anos 60, quando retornou da Espanha, onde trabalhou na editora Codex, Hirsch vai fazer capas para a editora José Olympio, sendo sete para livros de Drummond. As duas capas escolhidas aqui embora da mesma década são bem distintas e em nenhuma delas é facilmente reconhecível a assinatura do artista. A primeira – *As impurezas do branco* (Figura 5) - tem um projeto mais sóbrio e está afastado da idéia de agredir como intenção principal. Mais uma vez temos a cor laranja em uma capa de livro do Drummond e vemos o título com mesmo peso na página que o nome do autor e a editora aparecendo na lateral em vertical. O centro da capa é o quadrado branco extremamente referido ao título da obra.

70 historinhas (Figura 6), do final da década de 70 traz uma novidade em termos de capa e de capa de livros de Drummond: a fotografia. Antes alguns livros do autor traziam uma foto sua na quarta capa ou mesmo capa. Mas uma foto “ilustrativa” ainda não era comum. E esse é um dos últimos livros do poeta na editora de José Olympio. Poucos anos depois ele trocava de editora e seus livros passariam a ter outra cara. Essa capa tem a foto no centro e nome do poeta se sobrepõe ao título da obra. A cor é novamente um alaranjado menos aberto e há vários fios brancos fazendo uma moldura

da foto. A foto é de uma janela aberta que mostra uma paisagem, um pouco como se esse livro trouxesse muitas paisagens e histórias em seu conteúdo.

5 - Impurezas do branco, 1973.

6 - 70 historinhas, 1979.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou trazer as primeiras reflexões de uma pesquisa em andamento sobre os livros do Drummond. Buscamos apresentar um pouco do contexto editorial do escritor mineiro, suas editoras, seus contratos, correspondências e capas.

Drummond foi um autor que publicou em diversas casas editoriais durante sua vida, tanto livros avulsos como coletâneas. Suas principais editoras: José Olympio e Record são paradigmáticas de dois momentos do mercado editorial e do lugar do autor de “No meio do caminho” neles. A editora José Olympio foi a casa dos autores brasileiros durante várias décadas. Reuniu autores de prestígio e qualidade na área de ficção e não ficção, contratou artistas e designers gráficos de renome para fazer suas capas, contou com tradutores escritores para produção dos livros e se preocupou com a vendagem e a divulgação do livro. Era a editora dos sonhos de todo escritor naquele Brasil dos anos 30, 40, 50 e 60.



Hoje sabemos a importância da questão mercadológica dos livros assim como do aspecto visual na sua vendagem. As capas, apesar dos lamentos de Adorno, tem buscado tornar os livros objetos cada vez mais sedutores e atraentes. Para isso a contribuição dos seus capistas é fundamental. Podemos ver alguns exemplos da obra drummondiana na editora José Olympio a partir de alguns trabalhos de Tomás Santa Rosa, Gian Calvi e Eugenio Hirsch.

Estes três designers gráficos ocupam de forma diferente um lugar importante no cenário editorial brasileiro. São artistas de peso e sua atuação na editora José Olympio demonstra a preocupação de seu editor com a materialidade dos livros e com qualidade de seu visual.

Tomás Santa Rosa criou capas para os livros do Drummond que estavam em sintonia com seu conteúdo e também com um projeto editorial e visual da editora. Gian Calvi trouxe aos dois livros que ilustrou uma perspectiva nova e criativa, dialogando com a poesia concreta. As capas de Hirsch para os livros de Drummond surpreendem pelo fato de não serem a melhor expressão da sua personalidade artística que procurou provocar e surpreender acima de tudo.

Este texto não teve nenhuma pretensão de esgotar o tema das capas dos livros do poeta, das editoras que o publicaram ou mesmo da trajetória destes três designers gráficos, mas trazer elementos para uma reflexão mais ampla e em processo sobre o mercado editorial brasileiro no século XX.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Notas de literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.
- CANÇADO, J. M. **Os sapatos de Orfeu**. Biografia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Globo, 2006.
- CARDOSO, R. (org.) **O design brasileiro: antes do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- ESCOREL, A. L. **Brochura brasileira: objeto sem projeto**. Rio de Janeiro: Jose Olympio/Ministério da Educação e Cultura, 1974.
- Fundação Casa de Rui Barbosa – Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. **Inventário do Arquivo de Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1998.
- HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**. São Paulo: Edusp/T. A. Queiroz, 1985.
- KNAPP, W. **O que é editora**. São Paulo: Brasiliense, 1992.



MELO, C. H. de (org.) **O design gráfico brasileiro – anos 60**. São Paulo: Consac Naify, 2008.

MORAES NETO, G. **Dossiê Drummond**. São Paulo: Globo, 2007.

NOGUEIRA, J. C. G. **Letra e imagem: a tipografia nas capas de livros desenhadas por Eugenio Hirsch**. Campinas: Programa de Pós Graduação em Artes, Instituto de Artes – UNICAMP, 2009. Tese de doutorado. Mimeo.

PAIXÃO, F. **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

PEREIRA, J. M. **José Olympio – o editor e sua casa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

PY, F. **Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade (1918-1934)** Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002. 2 ed., revista e aumentada.

SANTA ROSA, t. **Roteiros de arte – Os cadernos de cultura**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação, Ministério da Educação e Saúde, 1952.

SOARES, Lucila. **Rua do Ouvidor 110 - Uma história da Livraria José Olympio**. Rio de Janeiro: BN/José Olympio Editora, 2006.

SORÁ, G. **A casa de José Olympio e a instituição do livro nacional**. PPGAS-MN-UFRJ, 1998. Tese de doutorado. Mimeo.

TSCHICHOLD, J. **A forma do livro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

VILLAÇA, A.C. **José Olympio - o descobridor de escritores**. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001.